

# OS CONTOS DE FADAS EM CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS: PRODUÇÃO TEXTUAL CRIATIVA DE ALUNOS DO CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

## FAIRY TALES IN CONTEMPORARY CONTEXTS: CREATIVE TEXTUAL PRODUCTION OF STUDENTS OF THE TEACHER TRAINING COURSE

### CUENTOS DE HADAS EN CONTEXTOS CONTEMPORÁNEOS: PRODUCCIÓN TEXTUAL CREATIVA DE ALUMNOS DEL CURSO DE FORMACIÓN DEL PROFESORADO

Aparecida Maria Peres Mainenti<sup>1</sup>

**Resumo:** O relato de experiência refere-se a projeto pedagógico, lançado com a proposta de reescrita de contos de fadas sob requisitos desafiadores. Recebeu aporte metodológico de Rildo Cosson (2019). Os objetivos do projeto alcançados foram conhecimento aprofundado do gênero Conto de Fadas e desenvolvimento de habilidades relativas à Contação de Histórias.

**Palavras-chave:** Letramento literário; literatura para crianças; contação de histórias.

**Abstract:** The experience report refers to a pedagogical project, launched with the proposal of rewriting fairy tales under challenging requirements. It received methodological support from Rildo Cosson (2019). The project objectives achieved were in-depth knowledge of the Fairy Tale genre and development of skills related to Storytelling.

**Keywords:** Literary literacy; children's literature; storytelling.

**Resumen:** El informe de la experiencia se refiere a un proyecto pedagógico, puesto em marcha con la propuesta de reescribir los cuentos de hadas bajo requisitos desafiantes. Ha recibido el apoyo metodológico de Rildo Cosson (2019). Los objetivos del proyecto alcanzados fueron la profundización en el conocimiento del género del Cuento de Hadas y el desarrollo de habilidades relacionadas con la narración de historias.

**Palabras clave:** Alfabetización literaria; literatura para niños; cuentacuentos.

## Introdução

O relato de experiência em questão refere-se à atividade ocorrida no ano de 2015, em curso destinado à formação de professores, e se intitula “Os Contos de Fadas em contextos contemporâneos: produção textual criativa de alunos do curso de Formação de Professores”<sup>2</sup>.

Todos os anos, desde 2010, os professores de disciplinas pedagógicas de um Colégio da rede pública estadual de ensino do Estado do Rio de Janeiro, voltado para Formação de Professores (Modalidade Normal), realizam uma atividade extracurricular denominada Projeto Contação de Histórias para suprir, parcialmente, a insuficiência curricular identificada quanto à temática, visando a levar ao alunado algumas noções quanto a esse assunto, que consideram bastante importante para sua formação como professores.

Essa necessidade de complementar as ementas das disciplinas pedagógicas com conteúdo extracurricular advém do fato de a Contação de Histórias estar identificada na Base Nacional

---

<sup>1</sup> Colégio Pedro II.

<sup>2</sup> Uma versão preliminar deste relato de experiência foi apresentada em alguns eventos acadêmicos, como I Jornada sobre Letramento na Educação Básica (I JOLEB), organizada pelo MPPEB, do Colégio Pedro II; e II Seminário Internacional Literatura e Cultura e IX Seminário Nacional Literatura e Cultura, organizados pelo GELIC/CNPq e pelo Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos – CIMEEP.

Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017) como objeto de comunicação para estimulação da Oralidade de alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental. Daí sua relevância em um curso de formação de professores destinado a atuar nesse segmento educacional.

No entanto, a análise do Currículo Mínimo do Curso Normal das Escolas de Ensino Médio (RIO DE JANEIRO, 2013), elaborado pela Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro – SEEDUC/RJ, documento que reúne as ementas das disciplinas oferecidas pela rede pública do Estado do Rio de Janeiro, demonstrou que o tema Contação de Histórias não faz parte de seus registros. O mesmo acontece no ensino superior, em que as grades curriculares e ementas do Curso de Pedagogia e Letras das principais universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro<sup>3</sup>, conforme ementários das instituições de 2019, ignoram o tema, deixando a cargo do interesse de alguns professores realizar ou não atividades pertinentes à temática.

O Projeto Conto de Fadas, realizado no ano de 2015, se destacou pela proposta inovadora e, também, por englobar alunos em formação no magistério. Os objetivos principais eram o desenvolvimento de habilidades para a contação de histórias em sala de aula, bem como fazê-los experimentar o lúdico presente na Contação de Histórias, com elementos que os atraíssem e propiciassem uma reconexão com suas infâncias em um exercício de análise do texto infantil.

A pretensão era, inclusive, de que, por meio de recursos textuais elaborados por eles próprios, os professores em formação se familiarizassem com o gênero textual Conto de Fadas e se sentissem mais preparados para desenvolver com seus futuros alunos atividades de Contação de Histórias em seus diversos desdobramentos.

A experiência intitulada Projeto Conto de Fadas, ocorrida no período de 10 de agosto a 24 de setembro de 2015, envolveu alunos do curso de Formação de Professores, modalidade Normal, Ensino Médio, de Colégio da rede pública estadual do Rio de Janeiro e contou com a colaboração do corpo docente e da direção do colégio. Seu diferencial foi lançar uma proposta aos alunos para a reescrita de contos de fadas de sua preferência sob alguns requisitos desafiadores.

O projeto foi destinado, exclusivamente, aos alunos do 2º e 3º anos do curso de Formação de Professores do Colégio e contou com a participação de 11 (onze) turmas, sendo 6 (seis) de alunos do 2º ano e 5 (cinco) do 3º ano.

Os alunos do 1º ano do curso de Formação de Professores não participaram da experiência, já que ainda não tinham cumprido carga horária suficiente de disciplinas de natureza didático-pedagógica que lhes fizessem compreender a extensão e a importância do projeto, bem como usufruir adequadamente dos resultados formativos da experiência.

É interessante destacar que, àquela época, quando o projeto se realizou, nenhum dos professores participantes do projeto tinha conhecimento das estratégias de letramento literário descritas por Rildo Cosson (2019a) e publicadas em seu livro *Letramento Literário: teoria e prática*, cuja primeira edição ocorreu em 2006. Foi com surpresa que se observou, na preparação deste relato de experiência, a similaridade da metodologia usada com a Sequência Expandida proposta pelo autor, em seu citado livro.

O relato ora apresentado está organizado da seguinte forma: introdução, fundamentação teórica, descrição da experiência com a correspondente orientação metodológica, reflexões sobre as apresentações, seleção de recontos em destaque e considerações finais.

---

<sup>3</sup> As grades curriculares e ementas consultadas são dos cursos de Pedagogia e Letras das seguintes universidades: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Disponível em: <https://ementario.uerj.br>. Acesso em: 14 ago. 2020; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Disponível em: <http://www2.unirio.br/unirio/cchs/educacao/graduacao/pedagogia-presencial/ementario-2/ementario-1>. Acesso em: 14 ago. 2020; e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Disponível em: <https://siga.ufrj.br/sira/temas/zire/frameConsultas.jsp?mainPage=/repositorio-curriculo/8B78EE56-92A4-F799-25C3-0F7EAA7A469A.html>. Acesso em: 14 ago. 2020.

Destacam-se como conceitos relevantes da atividade relatada: Letramento Literário, Literatura para Crianças e Contação de Histórias, para os quais buscamos a pertinente fundamentação teórica com base nos autores Regina Zilberman (2010) e Rildo Cosson (2019a, 2019b).

### **Considerações teóricas de Regina Zilberman sobre literatura para crianças e letramento literário**

A literatura para crianças é uma especialidade da literatura voltada para o público infantil, em que lhe são apresentadas histórias fictícias, que buscam esclarecer os acontecimentos da vida real, com o objetivo de ampliar seu conhecimento de mundo, por meio da imaginação e fantasia. A literatura destinada a crianças e jovens é relativamente recente, surgiu em meados do século XVIII. No Brasil, ganhou impulso a partir da década de 1920, com as obras de Monteiro Lobato.

Tem sido por meio da narração/escuta de histórias que as crianças, desde cedo, realizam seus primeiros contatos com a literatura. Essas histórias podem ser apresentadas de diversas formas e formatos: contadas por memorização, lidas em voz alta, assistidas na TV ou no teatro. Seus inúmeros benefícios – contribuir para o desenvolvimento da linguagem oral, compreender e lidar com as emoções e sentimentos, desenvolver a atenção, a imaginação, a memória, aperfeiçoar o senso crítico e estimular a criatividade, entre outros – são incentivadores para que seu emprego tenha lugar garantido nas escolas.

Nesse sentido, segundo a BNCC, a contação de histórias nas escolas é empregada para desenvolver a oralidade da criança desde a Educação Infantil até as séries iniciais do Ensino Fundamental. Zilberman (2010) vai além dessa perspectiva e afirma que a literatura para crianças estimula a alfabetização e promove as condições para o consumo do texto. Para ela, a literatura destinada a crianças é a responsável pela conservação e permanência do texto:

Ela pode ser motivadora da aprendizagem das crianças, conduzidas estas ao contato com os livros em casa, entre os pais e os amigos, ou na sala de aula, quando da frequência à educação infantil. Porém, é igualmente beneficiária dos efeitos alcançados: a criança, convertida em leitora, consome novos textos, propiciando demanda continuada e solidificando o público, imprescindível para garantir a produtividade do gênero (ZILBERMAN, 2010, p. 117).

Zilberman (2010, p. 129) afirma, em seu livro *A leitura e o ensino de literatura*, que “o letramento é um processo que se inicia antes mesmo de a criança aprender a ler, supondo a convivência com universo de sinais escritos e sendo precedido pelo domínio da oralidade”. O processo de letramento, prossegue a pesquisadora, começa no ambiente familiar e desenvolve-se com mais intensidade na escola, quando a criança é apresentada ao mundo dos livros.

A criança fica exposta igualmente ao letramento literário, já que, desde pequena, é iniciada ao universo da fantasia, que lhe aparece por meio da escuta de histórias. Essas mostram-se sob diferentes formatos: contadas oralmente, lidas em voz alta por outras pessoas, vistas, quando se trata da audiência a programas de televisão, teatro infantil ou cinema. De todo modo, o conhecimento do mundo da ficção, vital para a apreciação de obras dirigidas à infância, dá-se mesmo quando o acesso ao livro é dificultado por razões econômicas, sociais ou culturais (ZILBERMAN, 2010, p. 130).

A autora enfatiza, ainda, que o compromisso da literatura para crianças com seu público-alvo em processo de alfabetização é unicamente com a qualidade literária da obra com destaque

para os elementos da narrativa ficcional e, como em suas próprias palavras, sua tradução gráfica em livro (ZILBERMAN, 2010).

Cabe aqui um esclarecimento: os estudiosos das questões de letramento nos ensinam que este termo foi criado para demonstrar as diversas formas, práticas sociais, que a leitura e a escrita são usadas na sociedade atual. Por esse motivo, consideram adequado usá-lo de acordo com a abrangência de sua atuação. Dentro desse entendimento, surge o termo letramento literário, para designar a prática da leitura e escrita efetivada no relacionamento entre o leitor e o livro, conforme citado por Zilberman (2010).

### **Considerações teóricas de Rildo Cosson acerca do letramento literário e a contação de histórias**

A prática de contar histórias, como diz Rildo Cosson (2019b, p. 112), conceituado autor e pesquisador, “é uma estratégia pedagógica que usualmente entra na escola como parte da preparação das crianças para a leitura”. Hoje em dia, a contação de histórias está relacionada a inúmeros outros benefícios para a formação do leitor crítico e criativo, tais como ampliação de vocabulário, estímulo à imaginação, desenvolvimento da criatividade, entre outros (COSSON, 2019b). Afirma ainda o autor que os jovens e adultos também são capazes de sentirem prazer com a prática da contação de história, desde que sejam observados alguns aspectos como escolha de textos e espaços adequados.

Cosson discorre em seu livro *Letramento Literário: teoria e prática* (2019a) sobre diversas experiências feitas em sala de aula para tornar o aluno um leitor crítico, apreciador do prazer estético da leitura. Ressalta que esse aprendizado não se faz sem o encontro pessoal com o texto. Sua proposta de letramento literário mostra que fazer literatura na escola passa pela “experiência única de escrever e ler o mundo e a nós mesmos” (COSSON, 2019a, p. 120).

O autor, inclusive, apresenta sugestões de oficinas já realizadas nas escolas brasileiras, dentre elas, a de Contos de Fadas Modernos, em que os alunos são levados a relembrar as histórias de fadas que ouviram na infância. Uma das atividades sugeridas é a reescritura dessas histórias em outras narrativas, contos de fadas ou não, a partir das histórias originais (COSSON, 2019a).

Como estratégia para o ensino de literatura, que incorpore as diferentes aprendizagens do letramento literário, Cosson (2019a) propõe a utilização da Sequência Expandida, composta por 7 etapas: Motivação, Introdução, Leitura, Primeira Interpretação, Contextualização, Segunda interpretação e Expansão. Segundo o autor, “a sequência expandida vem deixar mais evidente as articulações que propomos entre experiência, saber e educação literários inscritos no horizonte desse letramento na escola” (COSSON, 2019a, p. 76).

Para a etapa de Contextualização, Cosson (2019a) apresenta 7 (sete) tipos. São eles: teórica, histórica, estilística, poética, crítica, presentificadora e temática. Entretanto, deixa claro que “o número de contextos a serem explorados na leitura de uma obra é teoricamente ilimitado” (COSSON, 2019a, p. 86).

### **A experiência**

Esta foi a proposta da atividade ora em destaque, reescrever Contos de Fadas, de modo a atender aos seguintes requisitos: contextualizar a história escolhida para os tempos atuais; inverter o foco da narrativa, de modo a contar a história a partir do ponto de vista de outro personagem e dar novo desfecho para a história.

A metodologia usada para o desenvolvimento e a orientação das atividades acompanhou as estratégias descritas na Sequência Expandida de Rildo Cosson (2019a), em seu livro *Letramento*

*Literário: teoria e prática*, cuja primeira edição ocorreu em 2006. Conforme comentado na Introdução, quando o projeto se realizou, nenhum participante do Projeto Conto de Fadas conhecia as estratégias descritas por Cosson. Com surpresa e entusiasmo que a autora, na preparação deste relato de experiência, observou a similaridade da metodologia usada com a sequência expandida proposta por ele. Isso só destaca o mérito da obra de Cosson, que trabalha com a realidade da escola brasileira, retirando do seu cotidiano experiências de sucesso e dando-lhe a estrutura teórica necessária. Assim, a atividade, inicialmente, de caráter empírico, recebeu o suporte teórico dos estudos de Cosson, em especial das estratégias de Sequência Expandida, conforme anteriormente descrito.

Inicialmente, apresentou-se o tema do projeto do ano às turmas participantes – O Conto de Fadas –, ressaltando as ideias principais definidas pelos professores das disciplinas pedagógicas. Para introduzir o tema, fez-se uma breve exposição sobre a origem dos Contos de Fadas. Com a ajuda dos alunos, foram listados seus Contos de Fadas prediletos e acrescentados mais alguns para enriquecer a listagem. Após essa etapa, cada turma se dividiu em 3 grupos e cada um escolheu um determinado conto de fadas com o qual iria trabalhar. Essa fase da atividade identifica-se com as etapas de Motivação e Introdução descritas por Cosson.

Para a aula seguinte, foi solicitada aos grupos a leitura antecipada dos contos de fadas escolhidos e pediu-se que trouxessem os respectivos livros de histórias para partilhar com os outros colegas. Na data marcada, cada grupo leu sua história em voz alta para os demais colegas. Alguns fizeram uma leitura com interpretação, dividindo as falas com os outros colegas de grupo. Esta fase se identifica com as etapas Leitura e Primeira Interpretação da Sequência Expandida.

Terminadas as leituras, foram apresentadas às turmas alguns requisitos desafiadores para as apresentações, quais sejam: a contextualização da história escolhida para os dias atuais; a inversão do foco narrativo, ou seja, a história deveria ser contada sob o ponto de vista de outro personagem; e a modificação do desfecho da trama. Essa fase da atividade identifica-se com a Contextualização Presentificadora de Cosson, uma vez que foi pedido aos alunos que atualizassem a narrativa para os fatos da vida cotidiana deles e da sociedade em que viviam. Segundo o autor, essa estratégia possibilita o “despertar do interesse do aluno pela obra” (COSSON, 2019a, p. 89).

Os trabalhos se iniciaram prontamente. Os grupos foram orientados a dividir tarefas para as apresentações. Eles, então, montaram equipes responsáveis pelos diversos setores de trabalho, por exemplo, redação do conto, atores e atrizes da encenação, figurino, cenário, acessórios etc. Na prática, todo o grupo participou da idealização de cada um desses elementos. Tão logo o novo texto ficou pronto, os grupos iniciaram os ensaios. Esta fase se identifica com a etapa Segunda Interpretação da Sequência Expandida.

Os preparativos duraram cerca de três semanas. De acordo com um calendário previamente organizado, as apresentações se realizaram em dias alternados. Esta fase se identifica com a etapa de Expansão de Rildo Cosson (2019a).

## **Apresentações**

A maioria dos grupos optou pela encenação teatral para a apresentação de seus trabalhos. Essa decisão foi muito bem recebida pela equipe docente, que auxiliou na preparação do espetáculo. Os professores de Artes Visuais e Artes Cênicas auxiliaram seus alunos na encenação e na confecção de cenários e figurinos. As apresentações duraram cerca de 20 minutos cada uma.

Há de se ressaltar que o projeto Conto de Fadas recebeu, por parte do corpo docente e da direção do Colégio, amplo apoio para sua realização. Colaboraram para a realização do projeto os professores das diferentes disciplinas do curso Normal, tanto as disciplinas regulares, quanto as de formação pedagógica. Por exemplo, as professoras de Língua Portuguesa auxiliaram na escrita da contextualização do enredo, orientaram quanto à formatação para o discurso direto e

indireto, o papel do narrador e outros elementos da narrativa. Os professores de Sociologia e História auxiliaram quanto às características da contextualização histórica, social e crítica; e as professoras de Psicologia da Educação contribuíram para o desenvolvimento do perfil psicológico dos personagens. Os professores das disciplinas pedagógicas deram apoio didático-pedagógico para que os alunos cumprissem os requisitos propostos, orientaram quanto à adequação dos temas para a faixa etária da Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, bem como com o cuidado para manter as características do gênero textual Conto de Fadas.

### **Trabalhos em destaque**

Alguns roteiros receberam elogios por parte da maioria do corpo docente, seja pela originalidade da contextualização, seja pelo cumprimento dos requisitos. Recontos inspirados em Cinderela, A Princesa e o Sapo, Rapunzel, entre outros, foram apresentados. No entanto, apenas dois recontos escritos foram selecionados para representar a produção textual criativa desses jovens professores em formação: *Chapeuzinho Vermelho em Tempos Modernos* e *Chapeleira na Cidade Maravilhosa*. A escolha se justifica pelo fato de, além de cumprir com todos os critérios estabelecidos pelo projeto, os autores desses recontos conseguiram manter uma das principais características dos Contos de Fadas – a magia, o fantástico –, em seus enredos, apesar da exigência de contextualização temporal para os tempos contemporâneos.

### **Reconto de Chapeuzinho Vermelho:**

Nesse reconto especificamente, a exemplo dos Contos de Fadas modernos, a fantasia não está em elementos sobrenaturais contidos na narrativa, ela está distribuída no perfil dos personagens, nos moldes da obra de Hans Christian Andersen, que “coloca a magia na interioridade do protagonista”, como afirma Zilberman (2010, p. 142).

A história, durante todo o seu desenrolar, está envolvida por um grande mistério: Quem será o fornecedor ou a fornecedora da “mercadoria” humana para o tráfico? Como Chapeuzinho Vermelho conseguirá escapar da armadilha que caiu? Esses e outros segredos só serão revelados nas cenas finais da trama.

Eis a história:

#### **Chapeuzinho Vermelho em Tempos Modernos**

A encenação se inicia com um julgamento, em que o Senhor Monteiro revela ao tribunal os detalhes dos acontecimentos dramáticos que viveu.

Clara Monteiro é uma jovem rebelde, de 17 anos, que tem uma relação conflituosa com sua mãe Cristina, que trabalha como diarista.

Certo dia, após mais uma discussão com a mãe, Clara vai até a casa do avô Antônio para pedir dinheiro para sair com amigos. O avô se recusa e ela sai batendo a porta.

Clara não volta para casa e sua mãe se desespera. Procura por toda a parte sem sucesso.

Clara foi sequestrada por Lobão, que faz parte de uma quadrilha especializada em tráfico humano e de animais silvestres e aprisionada em um galpão. Ela surge vestida com um capuz vermelho, enquanto Lobão amedronta-a com falas alusivas à história de Chapeuzinho Vermelho.

A cena salta para o dia da entrega da “encomenda”, em que estão presentes Lobão e Chefe, líder da quadrilha. Este último se surpreende ao reconhecer a

jovem. Clara fica confusa e começa a chorar. Quando Madame Teresa chega para levar a mercadoria, Chefe demonstra nervosismo. Lobão percebe a reação de Chefe e relaciona o fato ao momento em que ele viu a moça. Aponta a arma para a cabeça de Chefe, que ordena a seus homens que atirem. Um intenso tiroteio se inicia.

Madame Teresa foge e Chefe tenta proteger Clara, mas Lobão a atinge com uma bala. Em seguida, Lobão é baleado nas costas e morre. A polícia invade o local. Todos são presos e Clara é socorrida.

A trama volta à cena inicial do tribunal, quando a juíza está proferindo a sentença. O Sr. Antônio Monteiro, avô de Clara e líder do tráfico humano e de animais silvestres, foi condenado a 147 anos de prisão, por violar os direitos humanos e dos animais. Após apelação do advogado de defesa, a juíza concede redução da pena, porque o réu entregou-se por livre e espontânea vontade, além de facilitar as investigações do caso.

Na última cena, Antônio, conformado com sua pena, olha arrependido para a neta Clara, agora cadeirante, ao lado da mãe Cristina.

Como foi possível observar, o novo protagonista da história, o avô Antônio, possui características fantásticas de herói (salvou a neta da morte) e de vilão (chefe de tráfico humano e de animais silvestres), ao estilo de Andersen, conforme citado anteriormente. Ele foi altruísta ao se entregar à polícia e auxiliar nas investigações, sem deixar de demonstrar seu caráter problemático (ZILBERMAN, 2010).

Os autores do reconto utilizaram, também, alguns recursos estilísticos como, por exemplo, *flashback*, que pode ser visto na cena inicial, em que Antônio Monteiro testemunha frente ao tribunal e relata os detalhes dos acontecimentos dramáticos que viveu, desvendando, dessa forma, toda a trama da história.

### **Reconto de Alice no País das Maravilhas<sup>4</sup>**

Um dos méritos do trabalho realizado com o conto Alice no País das Maravilhas foi o cumprimento de todos os requisitos pedidos, conservando as características mágicas dos contos clássicos. A nova protagonista é Chapeleira, melhor amiga de Alice, que vive várias aventuras no Rio de Janeiro.

#### **Chapeleira na Cidade Maravilhosa**

Alice se despede de seus amigos do País das Maravilhas, dizendo que precisava ir para o Rio de Janeiro dar continuidade aos negócios de seu falecido pai.

Passados 10 anos, Chapeleira, a melhor amiga de Alice, resolve ir atrás dela na Cidade Maravilhosa, preocupada com o silêncio da amiga.

Para a viagem, Chapeleira passa através da cortina, como se fosse um portal mágico. Por acidente, Coelho acaba sendo tragada pela onda fantástica do transporte e, também, vai parar na Cidade Maravilhosa. Lá vivem várias aventuras. A Chapeleira inclusive foi assaltada e não se deu conta do fato.

Chapeleira procura incessantemente por Alice e não encontra. Interage com a plateia pedindo ajuda e contando sua vida no País das Maravilhas.

---

<sup>4</sup> Alice no País das Maravilhas, obra de Lewis Carroll, não é considerada um conto de fadas tradicional. Os estudos sobre literatura para crianças a classificam como precursora da literatura *nonsense*, iniciada no fim do século XIX.

Nesse ínterim, surgem os Irmãos Tweedle, saídos de um enorme livro de histórias, seguidos pela Rainha Branca, a Rainha de Copas e outros animais da história. Estes personagens estabelecem diálogos, que demonstram suas características e rememoram acontecimentos ocorridos na história original, comentando-os com termos contemporâneos.

Todos procuram e chamam por Alice, até que Alice surge completamente diferente, com uma caixa de som, roupas modernas, mascando chiclete, dançando e com um linguajar carioca da periferia.

Chapeleira e seus amigos do País das Maravilhas não a reconhecem, pois havia se transformado em uma figura estranha a seus olhos. Chapeleira propõe a Alice um teste para confirmar se era ela mesma que estava ali diante deles e pede que responda a uma pergunta que Chapeleira fez há 10 anos atrás, quando ambas estavam no País das Maravilhas. Alice dá a mesma resposta que deu na ocasião passada. As amigas conversam sobre situações rotineiras da vida moderna como o uso de celular e pesquisa no *Google*.

Chapeleira, contrariada, observa as diferenças entre a Cidade Maravilhosa e o País das Maravilhas, como ar poluído, ausência de vegetação nativa e resolve voltar ao País das Maravilhas. Coelho apressa a todos dizendo que o tempo deles estava acabando e que corriam o risco de permanecer para sempre na Cidade Maravilhosa.

Alice não quer voltar, pois está totalmente adaptada ao cotidiano carioca. Então, os Irmãos Tweedle levam Alice à força de volta para o País das Maravilhas, junto de seus amigos.

Todos voltam pelo mesmo veículo da vinda: “o buraco do coelho”!

A paródia de “Alice no País das Maravilhas” possui humor, aventura e ritmo na composição da trama, o que lhe confere leveza e prazer, sem perder as características mágicas de um conto tradicional. Algumas passagens são exemplares, como se pode notar na cena do transporte do País das Maravilhas para a Cidade Maravilhosa e no trajeto de volta, pelo mesmo “buraco do Coelho” do texto original; e, também, na chegada dos personagens Rainha de Copas e Rainha Branca, através de um grande livro de histórias.

Com relação à inclusão da Rainha Branca, personagem que não existe no conto de Lewis Carroll, no rol de personagens da história, isso se caracteriza como mais um traço de contemporaneidade do reconto, pois se trata de uma alusão à versão de Tim Burton do conto para o cinema.

### **Considerações finais**

Destacam-se no Projeto Conto de Fadas alguns aspectos que a análise tardia, mas criteriosa, e mais teoricamente fundamentada possibilitou. O projeto promoveu o resgate do lúdico e do prazer na leitura dos Contos de Fadas e na Contação de História propriamente dita, o que pode ser observado durante o desenvolvimento da atividade e no momento das apresentações, quando os alunos se confraternizavam e se divertiam com suas atuações.

Além disso, as atividades propostas alcançaram os objetivos principais do projeto que eram levar o aluno a conhecer o gênero Conto de Fadas e desenvolver inúmeras habilidades relacionadas à Contação de Histórias, tais como: narração expressiva, movimentação corporal, recursos visuais e cênicos, entre outros.

A escolha da dramatização cênica para as apresentações trouxe a valorização do trabalho em grupo, pois os alunos se dividiram em equipes para execução das diversas etapas da encenação, com o objetivo comum de apresentar um trabalho coletivo de qualidade. Esse tipo

de atividade, além de reforçar o comprometimento social, aproxima as pessoas e possibilita a experimentação de diferentes papéis sociais.

Com relação aos trabalhos apresentados, estes refletiram o entusiasmo dos alunos com a experiência, porém deixaram evidências do pouco contato que os discentes com algumas manifestações artístico-culturais tradicionais, por exemplo, a maioria nunca tinha assistido a uma encenação teatral e muitos não tiveram uma experiência familiar com a contação de histórias. No entanto, suas performances não comprometeram o aspecto do letramento literário do projeto que era um de seus objetivos principais.

Essa lacuna relativa a atividades culturais poderá ser minimizada, em oportunidades futuras, com a disponibilização de produtos existentes nas redes sociais, como *Youtube*, por exemplo, voltados para a encenação ou narração de histórias, de modo a permitir que os futuros professores tenham contato prévio com os diversos gêneros textuais em que são desenvolvidas as narrativas para crianças.

Quanto aos textos, a maioria, ao fazer a contextualização temporal, usou de recursos tão realísticos, que esqueceu da maior característica dos Contos de Fadas: a magia, o fantástico. Poucos, como os contos em destaque – Chapeuzinho Vermelho em Tempos Modernos e Chapeleira na Cidade Maravilhosa – conseguiram conservar o espírito fantástico característico do mundo das Fadas.

O Projeto Conto de Fadas está marcado na história do Colégio como experiência exitosa e impulsionou o desdobramento da experiência e a continuidade do Projeto Contação de Histórias, que se ampliou para a experimentação de outros gêneros textuais da literatura para crianças.

## Referências

BRASIL, Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. 2017.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2019a.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2019b.

RIO DE JANEIRO. *Currículo mínimo*. Rio de Janeiro: Secretaria Estadual de Educação, 2013.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. Curitiba: Ibepex, 2010.

## Sobre a autora

**Aparecida Maria Peres Mainenti**. Formada em Letras (Português-Literatura) e Pedagogia. Mestranda do Programa de Mestrado Profissional de Práticas da Educação Básica do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro/RJ.

E-mail: [apamainenti2@gmail.com](mailto:apamainenti2@gmail.com).